



Revista Internacional de Folkcomunicação

ISSN: 1807-4960

revistafolkcom@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Brasil

Gushiken, Yuji

Autocrítica da Folkcomunicação nas Ciências da Comunicação: Avaliação do GP na Intercom 2017 1

Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 19, núm. 42, 2021, -Junio, pp. 195-218

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ponta Grossa, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.19.i42.0010>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631767645011>

- [Cómo citar el artículo](#)
- [Número completo](#)
- [Más información del artículo](#)
- [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Autocrítica da Folkcomunicação nas Ciências da Comunicação: Avaliação do GP na Intercom 2017¹

Yuji Gushiken²

Submetido em: 27/10/2020

Aceito em: 18/03/2021

RESUMO

Neste artigo, buscamos narrar, registrar e avaliar os procedimentos que caracterizam as práticas acadêmicas e os temas pesquisados em uma comunidade científica no âmbito do Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2017 pela Intercom, em Curitiba, capital do Paraná. Trata-se da busca de uma autocrítica, no sentido de observar como e em que medida a instituição e o desenvolvimento de procedimentos próprios do ambiente científico instituem e legitimam a caracterização científica do GP em meio ao Congresso da Intercom, considerando a inserção das Ciências da Comunicação nas demandas do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG).

PALAVRAS-CHAVE

Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação; Intercom 2017; Autocrítica; Ciências da Comunicação.

¹ Versão ampliada de trabalho apresentado no GP de Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), realizado de 2 a 7 de setembro de 2019 na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, Pará, Brasil.

² Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT). Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT/CNPq) em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Correio eletrônico: yug@uol.com.br.

Self-criticism of Folkcommunication in Communication Sciences: Evaluation of the Research Group at Intercom 2017

ABSTRACT

In this article, we seek to narrate, record, and evaluate the procedures that characterize academic practices and the topics researched in a scientific community within the Research Group on Folkcommunication, Media and Interculturality of the 40th Brazilian Congress of Communication Sciences, held in 2017 by Intercom in Curitiba, capital of Paraná. It is a search for self-criticism, in the sense of observing how and to what extent the institution and development of procedures specific to the scientific environment institute and legitimize the scientific characterization of the GP in the midst of the Intercom congress, considering the insertion of Communication Sciences in the demands of the National Graduate System (SNPG)

KEY-WORDS: Research Group on Folkcommunication; Intercom 2017; Self-criticism; Communication Sciences.

Autocrítica de la Folkcomunicación en las Ciencias de la Comunicación: Evaluación del GI en Intercom 2017

RESUMEN

En este artículo buscamos narrar, registrar y evaluar, en una perspectiva autocrítica, los procedimientos que caracterizan las prácticas académicas y los temas investigados en una comunidad científica dentro del Grupo de Investigación en Folkcomunicación, Medios e Interculturalidad del 40º Congreso Brasileño de Ciencias de la Comunicación, realizado en 2017 por Intercom, en Curitiba, capital de Paraná. Es una búsqueda de la autocrítica, en el sentido de observar cómo y en qué medida la institución y desarrollo de procedimientos propios del ámbito científico instituyen y legitiman la caracterización científica del grupo de investigación del congreso de Intercom, considerando la inserción de las Ciencias de la Comunicación en las demandas del Sistema Nacional de Posgrado (SNPG).

PALABRAS-CLAVE: Grupo de Investigación en Folkcomunicación; Intercom 2017; Autocrítica; Ciencias de la comunicación.

Introdução

A realização de sessões de apresentação de trabalhos completos em um grupo de pesquisa (GP) de um congresso de sociedade científica nacional traduz inicialmente o desenvolvimento do Ensino Superior, o que inclui, em especial, o ensino de pós-graduação. No

caso do Brasil, na medida em que a prática de pesquisa passa a incidir e renovar o conteúdo do ensino de graduação, o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) institui-se como patrimônio científico produzido em construção coletiva pelas bases do ensino universitário, o que demanda desenvolvimento e autocrítica permanentes.

Trabalhos de pesquisa inscritos, necessariamente avaliados por pares (outros pesquisadores), aprovados (com ou sem solicitações de alteração) e apresentados à comunidade científica refletem a atividade de docentes pesquisadores nas Instituições de Ensino Superior (IES), enfaticamente nas entidades públicas federais e estaduais, mas também nas particulares que investem em ciência e tecnologia. Trabalhos apresentados tornam-se indicadores das práticas acadêmicas que visam reproduzir as condições de formação de recursos humanos para pesquisa e para a carreira acadêmica no Brasil.

O Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado anualmente pela Sociedade Brasileira de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), chegou em 2017 à sua 40ª edição. É um dos eventos científicos mais longevos na Comunicação: área básica das Ciências Sociais Aplicadas 1/CAPES/MEC (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016) e subárea das Ciências Sociais Aplicadas³/MCTI (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2021) no Brasil. O evento de 2017 teve 18 divisões temáticas (DTs), com 33 grupos de pesquisa (GPs). Na Divisão Temática 8 (Estudos Interdisciplinares), localiza-se o GP em Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade.

Neste artigo, versão ampliada de trabalho apresentado no próprio GP em 2019, na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima (PPGCOM-UFC), pretendemos evidenciar a Folkcomunicação como perspectiva teórica (BELTRÃO, 1980, 2001, 2004) que, ao produzir sua inserção no campo maior da Comunicação (MELO, 2008), tem o sistema científico brasileiro e latino-americano como referência e atualidade.

No atual contexto histórico, tendo as Ciências da Comunicação como área de atuação institucional, a comunidade de pesquisadores da Folkcomunicação busca, a partir das questões teórico-metodológicas que lhe são próprias ou recorrentes, produzir o exercício

³ Classificação assim interpretada, dada a leitura possível no documento de comunicação institucional do CNPq.

autocrítico sobre processos e produtos acadêmicos, assim considerados, oriundos dessa abordagem, o que inclui atentar-se aos modos de entrar, manter-se e, conforme possibilidades, inovar nesse campo científico, ainda recente na história desta ciência no Brasil.

Campo científico, *habitus* e autocrítica

O sociólogo Pierre Bourdieu, ao ter a história das vidas intelectual e artística europeias como referência, desenvolve teoricamente a noção de *campo* como a “história das transformações do sistema de bens simbólicos e da própria estrutura destes bens”, com base no desenvolvimento de uma autonomização progressiva das relações de produção, circulação e consumo de bens simbólicos (BOURDIEU, 2004a, p. 99). O autor, que desenvolve essa concepção em vários textos, emprega em um deles a noção genérica de “campo da produção cultural” (BOURDIEU, 2004b, p. 19), no qual inclui, entre outras formações discursivas, a ciência, o que permite considerar, no amplo panorama desta noção, a produção do *campo científico*.

Na possível analogia com o campo das artes eruditas, como sugerido pelo próprio autor (BOURDIEU, 2004a), consideramos a experiência da produção científica, no que lhe compete no amplo campo cultural, como uma espécie de “bem simbólico”. A produção de um campo científico (BOURDIEU, 2004b) e os processos de produção que lhe são próprios evidenciam a instituição da prática de pesquisa como tradutora de uma experiência de modernização do sistema universitário nacional brasileiro.

Nessa experiência, o sistema se moderniza à medida que a prática de ensino adere à prática de pesquisa como elemento constituinte do ambiente acadêmico, assim instituindo um *campo científico* com seus processos integrantes (desenvolvimento de metodologias, divulgação de resultados, avaliação por pares, formação de novos pesquisadores, enfim, produção de conhecimentos validados nos parâmetros que o próprio campo institui).

Se a analogia com as artes é razoável, a organização do grupo de trabalho no congresso anual da Intercom ao longo dos anos vem produzindo e desenvolvendo um *habitus* científico que passa necessariamente pelo aprendizado constante do que a estrutura do ambiente acadêmico, de modo geral, institui como condição de legitimação das práticas de produção e divulgação de pesquisa.

No caso da Folkcomunicação, em razão da sua singularidade no campo comunicacional, o *habitus*, como sistema de estruturas motivadoras, ao mesmo tempo se consolida e se expande, dada a necessidade do próprio campo de se atualizar nas distintas experiências produzidas de ensino e pesquisa.

O *habitus*, embora possa agir como uma “estrutura estruturante” (BOURDIEU, 2013, p. 87), é também atravessado e constituído pela diferença que institui novas condições de repetição e inovação em um determinado campo, o que inclui, evidentemente, o científico – no caso, o da Comunicação. A esta possibilidade de interação com normas estabelecidas externamente e à necessidade de criação de novas categorias, conceitos e noções internos, consideramos a montagem do grupo de trabalho em Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, no Congresso da Intercom, em sua dimensão autocrítica.

O *habitus* científico, necessariamente autocrítico, pondera, na metáfora do jogo que constitui o campo, a necessidade de produzir, gerenciar e avaliar, coletivamente, suas próprias regras, buscando autonomia com relação às leis específicas de funcionamento que o regem. Neste sentido é que o GP de Folkcomunicação, como grupo constituinte do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, busca adequar-se aos trâmites já consagrados no ambiente científico, dialogando de modo específico com o campo da Comunicação, bem como proceder às práticas que são próprias da comunidade de pesquisadores que se formou em torno da abordagem folkcomunicacional.

Balizado em ampla medida pela Rede Brasileira de Estudos e Pesquisa sobre Folkcomunicação (Rede Folkcom), embora não apenas, o GP reúne anualmente distintas gerações de pesquisadores em atividade nas cinco regiões do país e com diferentes experiências de investigação. Os resultados das pesquisas evidenciam as dinâmicas comunicacionais no campo cultural e apresentam distintas leituras sobre o que pode ser o campo comunicacional em suas práticas poéticas e epistêmicas ligadas ao campo da Cultura.

Estes são problemas em instância epistemológica da abordagem folkcomunicacional, na medida em que o amplo campo da Cultura apresenta-se como exterioridade que incide de modo polissêmico no campo da Comunicação. Mas as dinâmicas culturais apresentam-se também como motivo para fomentar as virtudes epistêmicas da abordagem folkcomunicacional quando esta exterioridade significa a virtualidade do novo que se apresenta ao campo comunicacional. As intensas transformações nos campos da

Comunicação e da Cultura apresentam, continuamente, questionamentos ao GP, enquanto o próprio GP, por sua vez, apresenta e devolve questões ao campo da Comunicação.

As sessões de trabalho evidenciam a formação de um sistema especialista, a exigir contínuo desenvolvimento de habilidades acadêmicas e técnicas nas quais estão envolvidos os pesquisadores em seu cotidiano de ensino e pesquisa. As habilidades são múltiplas e desafiadoras: participação em um campo científico, domínios conceituais, revisão bibliográfica, produção de uma bibliografia própria de referência, redação científica, avaliação por pares, atualização de normas técnicas, orientação de trabalhos (dissertações, teses e monografias), colaboração com outros pesquisadores, emissão de pareceres, apresentação oral dos trabalhos, submissão de artigos, deliberações acadêmicas, autocrítica interna, entre outras práticas que exigem autocrítica constante no ambiente científico.

Além de sua característica de sistema especialista, nas condições de funcionamento de uma comunidade científica mais ampla, o GP enfrenta transformações no campo comunicacional, que apresenta constantes desafios teórico-metodológicos de modo a impactar e questionar a Folkcomunicação como abordagem teórica e comunidade de pesquisa. O trânsito entre o tradicional e o moderno configura as pesquisas em geral apresentadas no GP. O desafio, no caso, mostra-se como a adoção de uma postura autocrítica ou autorreflexiva, nos termos de Ulrich Beck (1997), de modo a estarmos atentos às transformações no mundo contemporâneo que questionam, continuamente, as nossas habilidades acadêmicas, em ampla medida obsoletas a cada tempo, e provocam a abordagem folkcomunicação e o campo da Comunicação em instância epistemológica.

Portanto, é preciso nos atentarmos às evidências de que, no campo científico, a produção de um *habitus* apresenta-se em sua relação com “estruturas estruturadas” predispostas a funcionar como “estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 2013 p. 87). Entre o que se torna ordinário e o que se permite em criatividade na pesquisa, devemos nos dotar de uma autoconfrontação com nossos próprios valores, de modo autocrítico, ou seja, autorreflexivo, o que sugere uma lida com nossos próprios limites, concebendo a possibilidade de participar, comunitariamente, através da produção de valores e regras em comum em um campo do conhecimento, e assim correr os riscos da empreitada.

Modernamente, como aponta Scott Lash na leitura que faz de Ulrich Beck, “a reflexividade na modernidade implica uma liberdade crescente dos sistemas especialistas e

uma crítica a eles” (LASH, 1997, p. 142). A abordagem folkcomunicação, se tende a estruturar-se, analogamente, como um sistema especialista na formatação e no funcionamento de um GP, busca atentar-se aos processos acadêmicos e procedimentos científicos com os quais e através dos quais ela se constitui no campo da Comunicação.

A concepção de GP em ambiente científico, portanto, relaciona-se diretamente com a produção de confiança, que Anthony Giddens define, nos termos da experiência moderna, como a credibilidade de uma determinada pessoa ou sistema e que só existe em um regime de crença e está sempre relacionada à incerteza (GIDDENS, 1991, p. 44-45). O desenvolvimento de habilidades acadêmicas, igualmente nos termos dessa mesma experiência moderna, enseja a habilitação contínua de pesquisadores na produção de relações de confiança entre os pares no âmbito do GP e, em espectro maior, no amplo campo da Comunicação.

Nessa perspectiva autocrítica, relatamos, como recorte e opção metódica, a realização do GP no Congresso da Intercom de 2017, em Curitiba, capital do Paraná, ao modo de estudo de caso, ano em que tivemos a oportunidade de coordenar o GP e acompanhar o processo de recepção, avaliação e apresentação de trabalhos. A autocrítica inclui a necessidade de pensar o funcionamento de um GP em sua relação com a produção de pesquisa e a formação de pesquisadores nos cursos de mestrado e doutorado, considerando ainda as demandas de iniciação científica, na graduação. As exigências dos programas de pós-graduação e as necessidades de um GP de congresso evidenciam normas e padrões de duas instâncias da vida acadêmica, com demandas convergentes e, por vezes, conflitantes.

O SNPG vem se construindo na adoção de procedimentos autocríticos desde a década de 1970, por meio de processos de avaliação sistemática, entre fragilidades e virtudes próprias de um campo científico ainda em busca de consolidação. A avaliação, que passa a constituir o *habitus* científico, tornou-se mais enfática e está em busca de aperfeiçoamento desde os primeiros anos do século XXI. No desenvolvimento desta avaliação, com suas nuances, conflitos e polêmicas, a comunidade científica brasileira passou a se atribuir a tarefa de pensar, promover e difundir princípios de organização, avaliação e desenvolvimento do ensino de pós-graduação para a formação consistente e contínua de pesquisadores.

A apresentação de trabalhos em um GP de congresso científico contém indicadores de como funcionam os programas de pós-graduação *stricto sensu* em seu objetivo principal, que

é, além da produção de conhecimento, a formação de pessoal para pesquisa e, enfaticamente, embora não apenas, para a docência de Ensino Superior.

Cada trabalho apresentado representa a dinâmica de formação de mestres e doutores nos grupos de pesquisa⁴ registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a intensidade do vínculo entre o trabalho apresentado e a área de concentração do programa de pós-graduação (PPG) em que é ou foi desenvolvido, os reflexos do programa no qual o pesquisador se formou e a dinâmica de formação de pesquisadores no ambiente maior do SNPG, o que inclui a política científica nacional produzida pelas bases da vida universitária, voltada para a formação de uma massa crítica em todas as áreas do conhecimento.

O conjunto de trabalhos apresentados no GP, portanto, potencialmente indica o funcionamento e a maturidade de uma área do conhecimento. No caso do GP de Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, trata-se de aferir, com base nos trabalhos apresentados nas sessões e registrados nos anais, agora documentos constituintes de uma época, a dinâmica de produção científica em dois aspectos: na abordagem folkcomunicação, no âmbito maior do campo da Comunicação, mas também na abertura epistemológica de outras áreas do conhecimento às questões comunicacionais e, de modo específico, folkcomunicaçãois, considerando o enquadramento da ementa e o processo de envio, avaliação, aprovação e apresentação dos *papers* (e suas questões) pelos pesquisadores.

Trabalhos do GP: Avaliação por pares e procedimentos

Em 2017, o GP de Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade recebeu 22 trabalhos no portal da Intercom. O corpo de pareceristas do GP teve a participação de 23 pesquisadores doutores, vinculados a 20 IES no Brasil e no exterior. Com exceção da Região Norte, todas as demais regiões do país estiveram representadas no corpo de pareceristas.

O perfil dos pareceristas inclui pesquisadores que já vêm participando do GP há vários anos com apresentação de trabalhos, mas avaliadores sem qualquer atividade no GP também

⁴ Convém diferenciar o GP em torno do qual se reúnem pesquisadores em um congresso científico (caso do GP de Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade) e grupos de pesquisa, em geral liderados por um pesquisador, e que possuem registro no âmbito das pró-reitorias de pós-graduação e pesquisa das IES e no Diretório de Grupos de Pesquisas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DGP-CNPq).

foram convidados a emitir pareceres, ao modo de uma avaliação externa. A coordenação do GP solicitou a avaliação de apenas um trabalho, sendo que três pareceristas avaliaram dois trabalhos. Destes 23 pareceristas, um enviou o parecer após o período de avaliação por motivos de saúde – o parecer foi enviado ao autor, mas já sem função de classificação. Um dos pareceristas não enviou a avaliação por motivos de problemas pessoais.

Os poucos trabalhos que receberam inicialmente um parecer negativo obtiveram uma segunda avaliação. Havendo aprovação ou solicitação de alteração no texto na segunda avaliação, e com os autores realizando as alterações solicitadas, a coordenação do GP decidiu favoravelmente pelo aceite final, dada a dificuldade, no segundo semestre de 2017, de acessar e contar com o trabalho voluntário de novos pareceristas.

O GP registrou conflitos de avaliação no que se refere ao enquadramento temático dos trabalhos enviados. Pareceristas mais antigos da Rede Folkcom tenderam a defender a necessidade de abordagem estritamente folkcomunicacional, recusando de imediato trabalhos apenas pelo não enquadramento na antiga ementa do GP.

O GP passou a ter a denominação “Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade” em deliberação no Congresso da Intercom realizado na Universidade de São Paulo (USP), em 2016, naquele período sob coordenação da Profa. Dra. Karina Janz Woitowicz (PPGJor/UEPG). Em 2017, a alteração temática não apresentou unanimidade entre pesquisadores e tem merecido maior debate e melhor resolução pelos membros do GP, o que não foi possível naquele ano em função de pauta prioritária, em reunião da Rede Folkcom ao final das sessões, sobre a realização de evento da Rede, em 2018, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Parintins.

Em 2017, a lida com o sistema de gerenciamento para envio e avaliação de trabalhos do GP apresentou uma situação na qual o coordenador e os pareceristas tiveram que aprender a trabalhar com a ferramenta tecnológica do sistema de submissão de trabalhos adotado pela Intercom. A maioria dos pareceristas lidou com tranquilidade com a plataforma digital. Para alguns, no entanto, o trabalho apresentou vários níveis de dificuldade, o que se justifica pelo fato de o sistema trazer caminhos e protocolos nem sempre explícitos e de fácil compreensão pelo usuário.

Uma percepção sobre a participação dos pareceristas em 2017 foi a sobrecarga de trabalho docente em suas instituições de ensino e pesquisa. Nesta situação, a produção e a

emissão de pareceres tendeu a sobrecarregá-los em suas atividades cotidianas. Parte dos pareceristas emitiu as avaliações com rapidez. Outra parte dos avaliadores evidenciou uma relação conflitante com a emissão dos pareceres, para os quais foi enviada uma segunda mensagem lembrando-os do prazo estabelecido na programação do Congresso. Dos pareceristas de 2017, apenas três enviaram trabalhos ao GP, os quais foram igualmente analisados por outros avaliadores e aprovados.

A participação em um GP, portanto, considera a necessidade não apenas de pesquisadores submeterem trabalho para avaliação cega (*blind review*) por pares da comunidade científica, mas igualmente a necessidade de cada pesquisador, quando eventualmente convidado, dar-se também a tarefa de realizar leituras e avaliações de trabalhos de seus pares, contribuindo criticamente para o desenvolvimento da área de Comunicação e para a abordagem folkcomunicacional, instituindo, assim, a autocritica interna ao grupo como condição de legitimidade acadêmica.

Folkcomunicação: Temas recorrentes, emergentes e questionamentos

O conjunto de 21 trabalhos aprovados pelo corpo de pareceristas, seguindo o processo de avaliação cega (não identificada) por pares, foi dividido por aproximação temática em quatro sessões, durante dois dias nos quais 20 trabalhos foram efetivamente apresentados. Participaram do GP, assinando trabalhos como autores ou coautores, 36 pesquisadores: 10 orientadores de dissertações ou teses, seis pesquisadores ou colaboradores, oito doutorandos, dois mestres, sete mestrandos, um graduado, um graduando e um doutor coorientador.

A seguir, as sessões, os trabalhos e seus autores.

Sessão 1 (Folkcomunicação: Expressividades, registros e rumores da religiosidade no Brasil)

– Festa do Santo Preto: Comunicação e cultura dos marujos de Freguesia do Andirá

Francinete Louseiro de Almeida (UFMA/São Luís e PUCRS/Porto Alegre) e Josefa Melo e Sousa Benviti Andrade (UFMA/São Luís)

– Ex-voto do padre Donizetti Tavares de Lima: Folkcomunicação para um líder carismático

Cristian Rogério Moroni (UMC/Mogi das Cruzes) e Cristina Schimidt (UMC/Mogi das Cruzes).

– O ex-voto e as manifestações de fé da Festa do Divino da Comunidade Quilombola de Santa Tereza (Figueirão/MS): Um objeto de estudo da Folkcomunicação

Letícia Monteiro Rocha (UFMS/Campo Grande).

– Marginalidades culturais e imaginário midiático sobre a cidade de Cuiabá na comédia “As Fias de Mamãe”

Joilson Francisco da Conceição (UFMT/Cuiabá), Aline Wendpap Nunes de Siqueira (UFMT/Cuiabá) e Yuji Gushiken (UFMT/Cuiabá).

– A fotodocumentação da fé: Uma análise folkcomunicação sobre a fotografia com dispositivos móveis digitais no registro de romarias, romeiros e ex-votos

Beatriz Lima de Paiva (UFRN/Natal), Alice Oliveira de Andrade (UFRN/Natal) e Itamar de Moraes Nobre (UFRN/Natal).

A Sessão 1 constituiu uma linha de investigação que tem sido relevante historicamente no desenvolvimento da Folkcomunicação como abordagem no campo da Comunicação. Nesta sessão, que teve seis trabalhos, assinalou-se a forte presença de pesquisas sobre manifestações folclóricas nas festas da tradição católica em vários estados do país, mas registrando-se, necessariamente, as questões étnicas, em especial as que se referem à questão afro-brasileira, no âmbito da religiosidade popular.

As práticas dos ex-votos nos estudos em Folkcomunicação evidenciam a busca por uma expressividade possível dos fiéis, ou seja, trata-se de uma dimensão comunicacional das práticas culturais. Estas práticas expressivas, simultaneamente comunicacionais, epistêmicas e poéticas, têm sido recorrentes historicamente na pesquisa folkcomunicação e caracterizam as condições de produção simbólica de amplas faixas da população brasileira no que se refere à religiosidade popular.

Trabalhos sobre catolicismo popular, embora centralizem tematicamente a sessão, apresentaram questões às dinâmicas das relações étnico-raciais no Brasil, tendo manifestações da cultura afro-brasileira como foco de enunciação discursiva em pesquisas realizadas em território quilombola no município de Figueirão, em Mato Grosso do Sul, e no município de Barreirinha, no Amazonas.

Tema recorrente no GP, a religiosidade nas culturas populares de distintas regiões (Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste) do país evidencia processos de reinvenção do imaginário místico entre aquela população pensada por Darcy Ribeiro (1995): mestiços de um processo

de aculturação das matrizes étnicas originárias (lusitanos, negros, indígenas) que ao longo dos séculos produziram uma nova matriz designada “brasileiros”.

Não por acaso, a religiosidade popular nestes trabalhos apresenta a relação intercultural (historicamente tensa) entre catolicismo popular e comunidades afrodescendentes, as práticas de romarias e ex-votos entre populações caboclas, sertanejas e caipiras, e o riso na comédia como vingança dos caipiras contra a modernidade vacilante que arduamente se instala nos sertões do Cerrado brasileiro.

Os trabalhos da sessão evidenciam os estudos em Comunicação indissociáveis do campo cultural não como variável, mas como condição estruturante da produção de sentido. São trabalhos que sugerem a Folkcomunicação não como campo de estudos de “resíduos” culturais na modernização nacional, mas de práticas culturais que engendram, entre dialética e afirmativamente, as singularidades dos hábitos de (bem) viver nas distintas regiões do território nacional.

Sessão 2 (Folkcomunicação: Performatividade, identidades convulsivas e políticas da interculturalidade no campo comunicacional)

– *Miss Caipira Gay em Belém do Pará: Estudos de gênero e folkcomunicação*

Muryllo Raphael Lorenzoni (UFMT/Cuiabá).

– *Ação e interação: Uma etnografia do gauchismo no ciberespaço*

Ariele Silvério Cardoso (UFSC/Florianópolis).

– *Jornal do ‘nuances’: Um estudo do ativismo LGBT gaúcho sob a perspectiva da folkcomunicação*

Amanda de Andrade Campo (PUCRS/Porto Alegre).

– *Cibercuiabania na Folkcomunicação política: Estudo da campanha eleitoral de 2016 para prefeito pelo Partido Socialismo e Liberdade em Cuiabá.*

Silvia Ramos Bezerra (UFMT/Cuiabá) e Joelton Nascimento (UNIVAG/Várzea Grande).

– *Folkmídia e cultura indígena Xerente: Uma análise do agendamento midiático do Dasïpe*

Verônica Dantas Meneses (UFT/Palmas) e Edvaldo Sullivan Xerente (UFT/Palmas).

As identidades culturais, que têm sido foco recorrente nas pesquisas em Folkcomunicação, apresentaram-se em amplos processos de transformação nesta sessão de trabalhos. Em comum, o registro das pesquisas sobre as transformações das identidades nos

processos midiáticos. Nesse aspecto, a montagem da sessão sugeriu adotar uma abordagem pela história do Surrealismo, em especial na leitura do alemão Max Ernst e as “identidades convulsivas”. (GIMFERRER, 1983)

Identidades étnicas e regionais, representadas pelos setores hegemônicos ou não, tendem a apresentar outras nuances quando atravessadas pelas demandas dos grupos minoritários. Nesta sessão, a representação de gênero carrega distintos vieses de crítica social: na organização não governamental representante dos grupos LGBTQIA+ no Rio Grande do Sul, movimento simultâneo à representação do tradicionalismo gaúcho com o qual se registram relações de conflito, a identidade regional, no caso, apresenta-se cindida em meio a reivindicações minoritárias na luta pela diversidade, evidenciando os conflitos que tornam difusa a identidade contemporânea.

A representação de gênero também tende a questionar distintos modos de representação social, na medida em que a temática LGBTQIA+ busca se inserir no universo das festas juninas, simbolicamente ligadas à religiosidade católica, em Belém do Pará. Entre ironia e ferramenta de crítica social aos padrões culturais hegemônicos, o estudo sobre “Miss Caipira Gay” coloca em pauta as contradições sobre percepção, adesão, desconstrução e reinvenção das práticas culturais e comunicacionais no âmbito das tradições populares em Belém.

A música popular urbana evidencia crises, afirmações e reinvenções da identidade local na Grande Cuiabá: os usos comunicacionais do lambadão, gênero musical ainda em processo de reconhecimento pela população em geral, torna-se ferramenta de visibilidade no marketing político de um candidato minoritário, assim considerado no ambiente político-partidário nas eleições políticas em Mato Grosso, sendo ele próprio intérprete e membro de banda de lambadão.

De Palmas, Tocantins, um dos trabalhos é assinado por um estudante de origem indígena, da etnia Xerente, em parceria com sua orientadora acadêmica. Trata-se de trabalho que evidencia a participação de aluno indígena como sujeito de produção científica e autor de trabalho de pesquisa no campo da Comunicação. Este é um indicador relevante no GP em 2017, na medida em que grupos minoritários, antes estudados nas Ciências Sociais e Humanas, agora apresentam à comunidade científica seus próprios pesquisadores e enunciam suas próprias demandas políticas, com apoio de docente orientadora no ambiente de uma universidade pública federal.

No geral, os trabalhos da sessão reúnem investigações que fazem dialogar a Folkcomunicação com temas da Antropologia, dos Estudos Culturais e seus contemporâneos Estudos de Gênero e Estudos Queer. As identidades culturais constituem questões no campo comunicacional. Ou seja, são elementos estruturantes destas investigações nos campos da Comunicação e suas interfaces nas Ciências Sociais e nas Ciências Humanas.

O folclore, uma vez capturado/inserido na modernização midiática, ganha contornos do “folclórico”, ou seja, das transformações da genérica e moderna ideia de “cultura popular”, com toda a carga ideológica que a pesquisa crítica no campo da Comunicação sugere prestar atenção desde o século XX.

A sessão apresentou a identidade como processo performativo e, assim, a performance midiática como moderna condição de transformação das identidades. Identidades convulsivas, em uma leitura do surrealismo de Max Ernst, apresentam-se como demanda de uma crítica que historicamente a arte produziu sobre o campo da cultura e da política.

A Interculturalidade, no caso, como tema agora explicitado no GP, evidencia-se não apenas como condição histórica, mas como ferramenta política e em processo de atualização, o que demanda continuamente uma postura autocrítica dos pesquisadores com relação às lutas pela subjetividade e pela cidadania. A questão deixada pela sessão é se estará o mundo, dada sua diversidade e antagonismos, disposto à coexistência física e virtual das identidades com suas diferenças.

Sessão 3 (Folkcomunicação: Interdisciplinaridade, questões epistemológicas e Epistemes Outras na Comunicação)

– Relacionamentos virtuais e família: Enlaces interculturais

Ieda Tinoco Boechat (UENF/Campos dos Goytacazes), Hideliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral (UENF/Campos dos Goytacazes) e Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF/Campos dos Goytacazes).

– Folkcomunicação em perspectiva etnográfica: Contribuições para as práticas de ensino em Jornalismo

Karina Janz Woitowicz (UEPG/Ponta Grossa).

– Esboçando a comunicação exusíaca a partir de uma “encruza” epistemológica

André Cunha Duarte Carneiro (UFRJ/Rio de Janeiro).

– Festa, povo e comunicação: Um estudo sobre a ritualidade do São João do Maranhão

Francinete Louseiro de Almeida (UFMA/São Luís e PUCRS/Porto Alegre) e Josefa Melo e Sousa Benviti Andrade (UFMA/São Luís).

– Comunicação, poesia e religião

Miriam Cristina Carlos Silva (UNISO/Sorocaba) e Isabella Pichinguelli (UNISO/Sorocaba).

A Sessão 3 apresentou uma demanda de trabalhos de pesquisa desenvolvidos em programas de pós-graduação em Comunicação (incluindo PPG em Jornalismo) e nas grandes áreas das Ciências Sociais, das Ciências Humanas e da Área Interdisciplinar, na medida em que seus objetos de pesquisa, entre novos e “tradicionais”, passam à condição de objetos midiáticos ou tangenciando o campo comunicacional.

Mas também aponta-se o contrário: as ferramentas conceituais da Antropologia como subsídio teórico para o desenvolvimento de um pensamento comunicacional. É o caso em que pesquisas interdisciplinares apontam para a Comunicação no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, em especial no desenvolvimento do Jornalismo como profissão e subárea do conhecimento no campo comunicacional.

Comunicação como ritual, o que se repete e busca confirmar na comunidade, e não Comunicação como informação (a informação como novidade e produtora da diferença), inclui a interface com o campo religioso e os distintos misticismos na cultura brasileira. No entanto, as questões em instância epistemológica sugerem ainda padrões de comunicação sob um paradigma científico que se mantém hegemônico.

Religiosidade e poesia, quando cruzam os enunciados científicos, proporcionam uma espécie de abertura na área de pesquisa. O cruzamento vai além do debate em instância epistemológica e sugere uma reinvenção epistêmica para novos modos de se pensar a interface entre comunicação e cultura. São os casos em que as experimentações no pensamento causam desconfortos no campo teórico da Comunicação, mas apresentam as virtualidades para se conceber, além de uma crítica epistemológica, a criatividade do pesquisador e a inserção de Epistemes Outras *no, a partir do ou apesar do* campo comunicacional.

Esta expansão de interface entre Comunicação e Cultura são as evidências da abertura do GP aos temas da Mídia e da Interculturalidade. A renomeação do GP, ao menos no

primeiro ano de alteração no nome do Grupo, favoreceu e estimulou a entrada de novos temas, com presença de pesquisadores recorrentes e novos participantes. O conjunto de trabalhos atribuiu ao GP um forte debate em instância epistemológica, abrindo espaço epistemicamente criativo na medida em que outras matrizes culturais incidem como categorias estruturantes do campo da Comunicação, tendo a Folkcomunicação, de modo consciente e autocrítico, como espaço de reprodução do campo científico, mas com abertura às virtualidades das inovações e experimentações do pensamento comunicacional.

Sessão 4 (Narrativas do Brasil, construções do imaginário e crítica da cultura nas transformações do audiovisual contemporâneo).

– O Cinema Novo no Brasil a partir do enfoque folkmediático

Maria Isabel Amphilo (UMESP/São Bernardo do Campo).

– Do popular ao pop em “Gonzaga, de Pai pra Filho”

Guilherme de Souza Castro Neto (Ulbra/Canoas e UAM/São Paulo).

– Era para ser sobre hip hop, mas tornou-se o espetáculo do popular: Uma análise do documentário “Fala, Tu”

Thifani Postali Jacinto (Unicamp/Campinas).

– Folclore e videogame: Jogando, aprendendo e valorizando a cultura popular

Marcelo Pires de Oliveira (UESC/Ilhéus) e Antonio Carlos da Mota Filho (UESC/Ilhéus).

– A “mulher do padre”: Tradição e misoginia na adaptação audiovisual do mito da mula-sem-cabeça

Andriolli Brites da Costa (UFRGS/Porto Alegre).

A Sessão 4 teve apresentação de cinco trabalhos que evidenciaram imagens narradas/ficcionadas do Brasil e a construção de um imaginário estruturado deste regime de imagens (conflitos, convergências etc.). O conjunto de trabalhos evidencia também as transformações midiáticas, o pensamento audiovisual brasileiro e como o Brasil é representado/ constituído neste regime de imagens midiáticas.

Cinema (ficção e documentário), videogame e séries para Internet – gêneros midiáticos que emergiram em séculos distintos: XIX, XX e XXI – evidenciam o enredamento entre o tradicional e o moderno, o novo como realimentação do antigo, o antigo como virtualidade do que há de bater à nossa porta na vida contemporânea. Do primeiro ao quinto

trabalho apresentou-se um panorama das transformações midiáticas com distintos modos de narrar imagens do Brasil.

Esta foi a sessão em que a centralidade da Mídia como ferramenta de transmissão e veiculação de informações tornou-se mais evidente, puxando a montagem da programação do GP para a questão própria da modernização tecnológica e midiática, o que caracteriza genericamente, e hegemonicamente, a pesquisa no campo comunicacional.

A transformação midiática, com as consequentes alterações nos gêneros midiáticos, apresentou-se na sucessão dos trabalhos: Cinema Novo no século XX, o cinema de ficção e o cinema documentário no Brasil e aspectos da transmidiação nos games e na produção de séries. No entanto, a abordagem folkcomunicacional apresentou-se de modo enfático na sequência dos trabalhos: imaginário, transformações do folclore em cultura popular, folclore como singularidade na produção de games e nas mais recentes produções experimentais de séries para Internet.

A sessão evidenciou a tensão do enredamento entre modernização tecnológica e memórias do folclore e das culturas populares no Brasil, caracterizando uma situação em que se designa a Folkcomunicação como abordagem teórica ajustada historicamente às condições de produção simbólica no âmbito da sociedade brasileira.

Origem dos trabalhos por instituição e área do conhecimento

Os autores do GP de Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, em 2017, são oriundos de 20 IES, contemplando as cinco regiões do Brasil e denotando o alcance da abordagem folkcomunicacional no país.

Das vinte instituições representadas, catorze são públicas (nove federais, quatro estaduais e uma comunitária) e seis privadas, a saber: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade de Sorocaba (UNISO), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), Universidade Anhembi-Morumbi (UAM), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Dos trabalhos, dezessete são produto de dissertações de mestrado ou teses de doutorado em andamento ou defendidas, conforme informações na primeira página do *template* do Congresso. A maioria é proveniente de programas de pós-graduação *stricto sensu* da área de Comunicação. Os trabalhos são oriundos das seguintes áreas, segundo divisão da CAPES/MEC:

Comunicação e Informação – Nove no total: Comunicação (6), Jornalismo (1), Estudos da Mídia (1) e Multimeios (1).

Interdisciplinar – Cinco no total: Cognição e Linguagem (1), Estudos de Cultura Contemporânea (2), Cultura e Sociedade (1) e Políticas Públicas (1).

Antropologia e Arqueologia – Um no total: Antropologia (1).

Registrou-se um equilíbrio entre trabalhos oriundos de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, evidenciando o processo de verticalização do ensino superior brasileiro através dos programas de pós-graduação em Comunicação e dos demais programas, principalmente os da Área Interdisciplinar (subárea Sociais e Humanidades), que constituem o SNPG.

Parte relevante dos trabalhos provém de programas de pós-graduação interdisciplinares, área com alta demanda e entrada no SNPG. Em 2017, os programas da Área Interdisciplinar da CAPES/MEC que tiveram trabalhos no GP foram: Cognição e Linguagem (UENF/Campos dos Goytacazes), Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT/Cuiabá), Cultura e Sociedade (UFBA/Salvador) e Políticas Públicas (UMC/Mogi das Cruzes).

O número de trabalhos oriundos da Área Interdisciplinar, todos da subárea de Sociais e Humanidades, reforça a demanda por pesquisas interdisciplinares, tangenciando a Área da Comunicação, que também se estruturou historicamente através de práticas interdisciplinares. Um dos trabalhos é resultado de dissertação de mestrado em Antropologia

(UFSC/Florianópolis), mas com ênfase em questões midiáticas, o que denota, nas Ciências Sociais, o impacto que o campo comunicacional apresenta nas áreas adjacentes.⁵

A apresentação de trabalhos da Área Interdisciplinar e de outras áreas das Sociais e Humanas resulta, como se pode inferir, da abertura dessas áreas a temas recorrentes e próprios da Comunicação, além da maior receptividade do GP a temas experimentais, em nível empírico e teórico, a partir de 2017.

Foi relativamente comum, como é recorrente, o envio de trabalhos por mestrandos e doutorandos sem a assinatura dos seus orientadores. Em 2017, a coordenação do GP sugeriu aos autores mestres, mestrandos e doutorandos nessa situação, se considerassem conveniente e viável, que solicitassem a seus orientadores a revisão dos trabalhos em primeira instância, a assinatura da coautoria e a formalização da divulgação do trabalho a partir do lugar de fala institucional, que é o PPG. A maioria das sugestões foi acatada.

Em alguns casos, a assinatura não foi possível por motivos não explicitados, o que inclui, hipoteticamente, discordância do orientador com relação ao conteúdo ou abordagem teórica do trabalho. Em outros, infere-se que houve incompatibilidade entre a produção científica do pós-graduando e os interesses do seu PPG de origem. Registra-se que pós-graduandos no mestrado ou doutorado estão produzindo trabalhos com maior nível de autonomia na relação com os orientadores, o que inclui trabalhos paralelos aos projetos de dissertação e tese, denotando distintas concepções de ensino de pós-graduação na Comunicação e demais áreas.

Embora não seja norma na Intercom, na condição de sociedade científica responsável pela estruturação do campo, a coordenação do GP considerou que, na perspectiva organizacional de cada PPG, a assinatura de trabalhos pelos orientadores deve indicar a primeira instância de avaliação do *paper*, o que se realiza na relação orientando-orientador no âmbito do GP do orientador e no âmbito maior do próprio PPG como espaço de formação de novos pesquisadores. No entanto, os trabalhos que não acataram a sugestão não deixaram de ser aprovados por isso.

Também foram registrados trabalhos de pesquisadores não vinculados a programas de pós-graduação. São professores doutores em IES nas quais a ênfase, por questões históricas, é

⁵ O trabalho consta dos Anais do Congresso de 2017, mas não foi apresentado oralmente na sessão designada.

no ensino de graduação. Eles produzem trabalhos em parceria com outros docentes ou com alunos, por vezes em atividades de iniciação científica, com resultados favoráveis, evidenciando a formação de pesquisadores desde os estudos de graduação.

Foi registrada também a participação de doutores vinculados a instituição que não é de ensino e pesquisa e que atuam em atividades não relacionadas às práticas acadêmicas, mas que produzem pesquisa de forma autônoma, aplicam questões da Comunicação em suas práticas profissionais e buscam se aproximar da comunidade científica através do GP. São evidências de que o campo científico da Comunicação também pode ter impacto positivo de outra natureza no desenvolvimento de instituições públicas em seu modo de pensar e conceber políticas públicas.

Considerações finais

A realização do GP de Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade no Congresso da Intercom de 2017, em Curitiba, evidencia alguns pontos que consideramos relevantes:

Na perspectiva da coordenação do GP, o processo de produção e funcionamento das sessões demanda observar uma série de habilidades que constituem o ambiente de pesquisa e de ensino de pós-graduação, com a necessidade de aperfeiçoar os procedimentos e manter vigilância (técnica, epistemológica e epistêmica) sobre demandas atuais e virtuais que nele incidem, de modo a mantê-lo e a transformá-lo. A vigilância é, necessariamente, autocrítica, visando refletir sobre suas próprias condições de funcionamento, tendo como parâmetro a busca pela otimização dos procedimentos que regem o ambiente científico.

O *habitus* estruturado e estruturante das práticas de pesquisas folkcomunicacionais permite a visualização de um campo que reproduz os condicionantes teórico-metodológicos das Ciências da Comunicação e, simultaneamente, introduz variáveis que permitem novas formas de intervenção no campo científico da Comunicação, que, a nosso ver, equivale a um procedimento autocrítico da Folkcomunicação com relação ao campo e, ao mesmo tempo, com a própria abordagem.

A produção de trabalhos de pesquisa se dá enfaticamente no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, na área de Comunicação, mas também nas Ciências Sociais e Humanas e na Área Interdisciplinar (subárea Sociais e Humanidades). Esta distribuição

evidencia a dinâmica da produção científica que se institui no SNPG, com ampla produção de trabalhos por estudantes de mestrado e doutorado.

Um fenômeno visível, e que deve ser motivo de preocupação na estruturação da Comunicação como campo científico, é que muitos artigos de pós-graduandos não recebem, em primeira instância, revisão e assinatura dos orientadores de dissertação e tese. A não assinatura evidencia certa autonomia do pós-graduando, mas indica também relações pouco formais entre orientando e orientador no âmbito dos programas de pós-graduação, com possíveis consequências na avaliação anual dos programas regularmente inscritos na CAPES/MEC. A coordenação do GP, após enfatizar a questão ao longo das sessões, sugeriu à Diretoria Científica da Intercom que este procedimento passe a ser obrigatório a pós-graduandos para envio e aprovação de *papers* nos GPs, mas o assunto ainda é difuso e necessita de maior clareza no âmbito da comunidade de pesquisadores das Ciências da Comunicação.

Em 2017, a coordenação do GP enfatizou a revisão por pares como procedimento de avaliação científica e condição de aceite de trabalhos, acionando 23 pesquisadores como avaliadores *ad hoc*. Conforme procedimento instituído no ambiente científico, todos os pareceristas eram doutores, titulação indicadora de experiência mínima de produção científica. Embora o volume de trabalhos enviados não tenha sido grande, houve dificuldade de encontrar pesquisadores disponíveis para realizar as avaliações, inclusive no âmbito da Rede Folkcom, instância habitual de produção e avaliação dos trabalhos na perspectiva folkcomunicação. No caso, foram acionados pesquisadores das áreas de Comunicação e das Ciências Sociais e Humanas e da Área Interdisciplinar, brasileiros e estrangeiros, para efetuar o trabalho.

As quatro sessões do GP foram realizadas em dois dias. A coordenação do GP convidou quatro pesquisadores mais frequentes no GP e nos eventos da Folkcomunicação para atuarem como coordenadores adjuntos em cada sessão: Marcelo Pires Oliveira (UESC), Karina Janz Woitowicz (UEPG), Cristina Schmidt (UMC) e Maria Isabel Amphilo (UMESP). Em parceria, e em busca de um trabalho comunitário, o coordenador e os coordenadores adjuntos produziram os debates com os pesquisadores. A direção de cada sessão foi rigorosa com o tempo de apresentação de cada trabalho (15 minutos) e necessariamente todos os trabalhos receberam comentários e críticas do coordenador e dos coordenadores adjuntos. Cada

trabalho também pôde ser comentado pelos demais membros do GP, que foram convidados e incentivados a participar com comentários críticos e questões, visando configurar a dinâmica própria de um GP, no qual o público é enfaticamente de pesquisadores, embora em níveis distintos de experiência científica.

As quatro sessões evidenciam as distintas características da pesquisa folkcomunicação: ênfase nas transformações tecnológicas, nas dinâmicas das identidades culturais, nas instâncias epistemológicas e nas questões da religiosidade. O trabalho de curadoria e organização, ao montar as quatro sessões, visou relacionar aqueles com temáticas próximas, visando também ampliar o relacionamento entre os integrantes do grupo.

A inclusão das palavras-chave “Mídia” e “Interculturalidade” no GP durante o Congresso de 2016, na Universidade de São Paulo (USP), enfrentou resistência, não explícita, de parte da comunidade mais frequente na Rede Folkcom. No entanto, os trabalhos enviados sugerem que esta abertura fomentou o funcionamento do GP, com 21 trabalhos e quatro sessões, número padrão de sessões nos congressos da Intercom, embora o número de trabalhos enviados seja comparativamente baixo com relação a dados apresentados por outros GPs. Deve ser considerada também a discreta participação dos membros do chamado “núcleo duro” do GP, por aposentadoria, principalmente, o que tem forçado a uma revisão do perfil do GP.

Pondera-se que a produção de trabalhos na abordagem da Folkcomunicação sofre ainda resistência nos programas de pós-graduação em Comunicação, o que tem sido uma questão silenciada nas Ciências da Comunicação. As evidências são os trabalhos sem assinatura dos orientadores e pelo fato de serem trabalhos feitos, hipoteticamente, à parte daqueles de dissertação e tese. Por outro lado, nota-se abertura para a abordagem da Folkcomunicação em programas de pós-graduação da Área Interdisciplinar, o que denota uma possibilidade de prática científica exatamente onde as fronteiras das ciências estão sendo questionadas e onde se afirmam distintas formas de se fazer pesquisa.

Em 2017, o GP da Intercom, com submissão relativamente baixa de trabalhos em comparação com outros GPs, dividiu atenção dos pesquisadores com a Conferência de Folkcomunicação em Recife e o Congresso da Assibercom, em Portugal, além da realização da I Jornada de Folkcomunicação do Amazonas. Os fóruns científicos da Folkcomunicação se ampliaram, ganhando amplitude nacional e internacional, com mais trabalhos sendo

apresentados, participação de novos pesquisadores, incluindo graduandos e pós-graduandos, mas também novos doutores em atividade em distintas regiões do país e no exterior. Em 2017, o indício foi de que a Folkcomunicação construiu espaços acadêmicos relevantes e hoje dispõe de muitos eventos, que competem com o Congresso da Intercom. No entanto, aponta-se a necessidade de formação de novos pesquisadores nos níveis da graduação e da pós-graduação que justifique e mantenha sua expansão institucional, a dinâmica acadêmica dos eventos e o desenvolvimento de processos de ensino-pesquisa nos quais se formam novas gerações e se reproduz o sistema científico.

Ao final da quarta e última sessão de trabalhos, a Rede Folkcom, presidida naquele ano pela Profa. Dra. Eliane Mergulhão (Fatec/São José dos Campos), realizou reunião ordinária com pesquisadores, atividade acadêmica que consta da programação do GP nos congressos da Intercom.

Referências

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: Rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDEN, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott (orgs.). **Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 11-72.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Áreas do Conhecimento – Ciências Sociais Aplicadas**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/ciencias-sociais-aplicadas>. Acesso em 4 mar. 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Ciências Sociais Aplicadas 1: Documento de Área 2016**. Brasília: CAPES, 2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIMFERRER, Pere. **Max Ernst**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1983.

LASH, Scott. A reflexividade e seu duplo: Estrutura, estética, comunidade. *In*: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott (Orgs.). **Modernização reflexiva**: Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 142-206.

MELO, José Marques de. **O campo da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.